



GT 16. Antropologia, Saúde Pública e fabulações cosmopolíticas: etnografia e possibilidades simbiopoéticas de cuidar/fazer o mundo.

Coordenador(es):

José Miguel Nieto Olivar (USP - Universidade de São Paulo)

Maria Paula Prates (UFCSPA - Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre)

Colocamos em discussão três sistemas de produção de conhecimentos: a antropologia, a saúde pública e as cosmopolíticas. Trata-se de sistemas não equivalentes com relações não simétricas. Assumimos como ponto de vista a antropologia, principalmente de base etnográfica. Olhamos para a saúde pública como um campo fundamental de ação política e de gestão de novas e antigas formas de governo. Entendemos o marco cosmopolítico como um conjunto analítico e proposicional contemporâneo de extrema relevância para pensar “o mundo” nos seus limites e multiplicidades, em relação com formas possíveis de produção de conhecimento. Nos perguntamos: O que a antropologia brasileira contemporânea, objeto múltiplo e em franca transformação, tem a dizer sobre as relações possíveis entre antropologia e saúde pública no marco do conjunto de transformações e desastres que tem sido compreendidas como “fim do mundo”, Antropoceno, entre outros? Como a saúde pública pode se ver afetada no atravessamento de perspectivas antropológicas e etnográficas no marco do Fim do Mundo? Quais as possibilidades de uma antropologia da saúde, com sua tradição de corpos, curas, perturbações, saberes e emoções, no marco das propostas em curso sobre intervenções cosmopolíticas e intrusões de Gaia? Como alimentar etnograficamente os processos de cuidado, resistência, intervenção, intromissão e (re)feitura d/nos fins do(s) mundo(s), enquanto abre-se a possibilidade de reinvenção da antropologia?

Por uma antropologia/saúde ecológica: cosmopolíticas em fricção e mundos porvir

Autoria: João Victor Martins Oliveira Guerra (UFC - Universidade Federal do Ceará), Sindy Gabrielly Holanda Oliveira

A emergência climática é um tema que constantemente destrói as fronteiras modernas entre ciência e política ou entre natureza e cultura. Gregory Bateson, desde os anos 70, já buscava ampliar os horizontes antropológicos abrindo caminhos metodológicos e epistemológicos para uma ecologia da mente. Desta forma, pensar a saúde pública só em termos de ampliação de hospitais públicos ou programas de vacinas, seria bastante restrito. Saúde deve ser pensada em termos ambientais, como a saúde dos ecossistemas do planeta, principalmente em tempos de fins de mundos. Anna Tsing nos ensina a viver nas ruínas em parcerias com espécies inusitadas como de cogumelos. O novo coronavírus traz à tona um importante debate sobre a ecologia das doenças, especialistas da área indicam que a saúde humana e animal são inextricavelmente interligadas. Isso ocorre, pois muitas vezes a invasão humana na “natureza” aciona esses tipos de pandemias, assim sendo necessário repensar as interações multiespécies, algo que preveniria o surgimento dessas doenças. Entretanto, as políticas públicas seguem imediatistas e militarescas: grandes investimentos são feitos após surtos, com ênfase no combate e na gestão e vigilância dos corpos, a saúde como questão de segurança. Além de destruição ambiental ser um grande vetor de proliferação de zoonoses, ela também promove problemas de saúde pública muitas vezes esquecidos e tomados como um “mal necessário” do desenvolvimento econômico. Temos como exemplo: a poluição do ar, afetando o sistema respiratório dos seres; a poluição da água afetando muitas vezes a pesca e por sua vez a nutrição de alguma população. Mas para percorrer essas estreitas trilhas entre diferentes mundos, se faz necessária uma investigação



etnográfica em diferentes contextos com diferentes atores. Neste sentido, a pesquisa em andamento lida com ecólogos que buscam proteger a biodiversidade, engenheiros pela mineração de terras, indígenas em luta por seus territórios e outras cosmopolíticas em disputa, fazendo - nos repensar o conceito de saúde. Tim Ingold nos mostra como a antropologia pode ser uma participante de um grande conversa para moldar o mundo, uma disciplina que conhece a diversidade teria muito o que dizer sobre como experiências distintas podem habitar este ambiente em comum. E por fim, Donna Haraway nos indica que a especulações fabulativas são um ótimo instrumento para podermos contar histórias desses mundos de ficções científicas e fatos científicos... Como conhecer/cuidar destes mundos porvir? Com uma antropologia/saúde ecológica.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: